



AS PRINCIPAIS METODOLOGIAS NO ENSINO DE HISTÓRIA: POSITIVISMO, MARXISMO E ESCOLA NOVA

* Oliveira Neto, J.B.

* Silva, E. S.

RESUMO: Durante muito tempo, os problemas encontrados no ambiente escolar estavam quase sempre relacionados ao mau comportamento e a individualidade dos discentes. As dificuldades dessas comunidades escolares eram totalmente subjetivas, jamais relacionadas com os métodos de ensino utilizados pelos professores. Porém, com o passar do tempo, viu-se que a grande problemática entorno das questões de ensino-aprendizagem estava, também, associada com as metodologias utilizadas pelos docentes. Visto que esses métodos de ensino tradicionalistas estavam entrando em crise, justamente por desconsiderar mudanças no currículo, novas formas de ensinar foram surgindo e começaram a ganhar força no pensamento filosófico. Além da metodologia positivista, influenciadora das demais ciências em sua forma de organização e de visão de mundo, o marxismo e a escola nova começaram a integrar uma nova maneira de pensar o ensino, principalmente, o da história.

PALAVRAS-CHAVES: Metodologias de Ensino; Positivismo; Marxismo; Nova Escola.

ABSTRACT: For a long time, the problems founded in the school environment were almost always related to bad behavior and individuality of students. The difficulties of these communities were totally subjective, never related teaching methods used by teachers. But over time, it was seen that the great problems surrounding the teaching-learning issues was also associated with the methodologies used by teachers. Since these traditionalist teaching methods were entering in crisis precisely by disregarding changes in the resume, new ways of teaching have emerged and began to gain strength within the philosophical thought. In addition to the positivist methodology, influencer of other sciences in its form of organization and world view, Marxism and the new school began to integrate a new way of thinking about education, especially the story.

KEY WORDS: Teaching Methods; Positivism; Marxism; New School.

1. Introdução

Vivemos numa sociedade globalizada e imediatista, onde o ser humana recebe uma quantidade gigantesca de informações em um curto período de tempo. Conhecendo os alunos do século XXI e tendo em mente a velocidade de informação que chega até eles, deve-se planejar aulas dinâmicas e motivadoras para que a sala



de aula seja tão interessante quando o seu celular, mesmo que isso não seja uma tarefa fácil. Nesse planejamento, procura-se atender não apenas as necessidades e anseios dos discentes, mas também dos professores, é nele que o docente irá aplicar suas intenções políticas selecionando conteúdos de seu interesse.

Ao selecionar o conteúdo de acordo com os seus gostos e intenções o professor deve realizar o plano de aula, onde devem estar presentes suas justificativas, objetivos e a metodologia utilizada durante os encontros. Tendo como parâmetro esse pensamento, nota-se que é importantíssimo o entendimento das correntes filosóficas. Este artigo tem o intuito de explicitar as diferentes abordagens que as três principais linhas teóricas – positivismo, marxismo e escola nova - possuem dentro do ensino de história, características e métodos presentes nos discursos dos docentes em sala de aula.

2. As metodologias para escrever e ensinar história

É de conhecimento geral que a escola, seja privada ou pública, nos dias atuais, está ultrapassada, tanto na metodologia de ensino quanto em sua capacidade de funcionamento – em termos estruturais e pedagógicos. Esta incapacidade na geração de serviços à comunidade está diretamente relacionada com a atuação docente em sala de aula.

Sabendo a realidade da maioria das escolas contemporâneas, acredita-se que um bom profissional deva ser aquele que esteja consciente da realidade escolar, desde os ensinamentos que perpassam pelo projeto político pedagógico até o meio social que o discente está inserido.

Dessa forma, deve-se construir diariamente, juntamente com a comunidade escolar, um currículo capaz de responder aos anseios dos alunos e que respeite seu tempo de aprendizagem e sua bagagem cultural, fazendo que se desenvolvam gradativamente.

A reforma no Currículo deve ser feita por completa, abrangendo todas as disciplinas que fazem parte desse processo de construção do conhecimento. Dessa maneira, não basta apenas pensar nos resultados derivados dessa mudança, deve-se refletir como isso ocorrerá e quais serão as estratégias utilizadas.



O ensino da história dentro de um novo currículo que visa respeitar as individualidades, as crenças, o tempo de aprendizagem e a cultura de cada aluno, acaba ganhando mais destaque do que as demais disciplinas, pois é uma das responsáveis pela formação crítica do discente através da narrativa dos acontecimentos históricos e da problematização de fatos cotidianos, servindo como instrumento na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Mas, a grande problemática entorno do ensino da história, vai muito além da seleção dos conteúdos ou dos procedimentos e critérios de avaliação, perpassa por fundamentos teórico-metodológicos, no que se refere às implicações das linhas teóricas no processo de ensino e aprendizagem dentro de sala de aula.

Firma-se então a necessidade de conhecer as três principais linhas teóricas dentro da história para que possamos compreender as metodologias utilizadas para escrever e ensinar história: metodologia positivista, marxismo e escola nova.

3. Metodologia positivista

O modo de pensar presente no século XIX não deve ser entendido, exclusivamente, pelas mudanças econômicas e sociais que se fizeram presentes nesse período. A compreensão desse contexto se deve pelo entendimento das correntes filosóficas que ganharam força através do pensamento de Isidore Auguste Marie François Xavier Comte¹, conhecido por Auguste Comte, e John Stuart Mill². Esse movimento, que nasceu junto com a revolução industrial, teve grande influência de pensadores iluministas.

Segundo essa corrente de pensamento a única verdade é a forma de conhecimento resultante de conclusões científicas. É compreendido como uma linha teórica em que o conhecimento científico é derivado das observações de fenômenos concretos, que possam ser sentidos ou entendidos pelo homem. Sendo também contribuinte da disseminação do pensamento de John Locke³, no qual afirma que todo conhecimento deriva-se das experiências, Comte contribuiu para inúmeras

¹ Filósofo francês, nascido na cidade de Montpellier em 19 de janeiro de 1798, fundador da filosofia positivista.

² Filósofo e economista londrino, nascido em 20 de maio de 1806, foi um grande influenciador liberal do século XIX

³ Nascido na Inglaterra em 1632, foi um filósofo defensor do liberalismo e um importante disseminador da teoria empirista



ciências que obtinham seu material de pesquisa através da natureza e de suas interações, como a biologia, a química e a física.

Com uma forma de pensamento sistematizada e repleta de regras, as ciências biológicas deveriam servir de espelho para as ciências humanas. A partir de agora os pensadores positivistas acreditam que as ciências humanas devem seguir o mesmo caminho das ciências naturais e iniciar a construção de um conhecimento real, útil, certo, preciso e sistematizado. Segundo a lógica positivista o conhecimento não tem nenhuma relação com a teologia ou com a metafísica, ignorando quaisquer formas de pensamento que não pudessem ser realmente comprovadas.

Os idealizadores positivistas propõem uma ideia de neutralidade na escrita dos fatos, o que significa que a história deveria ser contada de modo imparcial, sem que o autor pudesse emitir qualquer subjetividade nessa narrativa, fazendo-a, dessa forma, de maneira clara e neutra. Todos os conhecimentos obtidos no âmbito da história deveriam ter, assim como nas demais ciências, uma comprovação científica que se daria pela análise de documentos oficiais sobre os acontecimentos passados.

De acordo com o pensamento positivista, o historiador deve ser imparcial inexistindo interdependência entre ele e o seu objeto; a história existe em si, objetivamente e se oferece através dos documentos; os fatos devem ser extraídos dos documentos rigorosamente criticados interna e externamente e organizados em sequência cronológica (AZEVEDO, 2010, p.10).

Os documentos ficam responsáveis por contar os fatos, sendo o historiador/pesquisador o narrador desses fatos. Totalmente sistematizado e incorporado a uma lógica eurocêntrica, o ensino da história passou a ser completamente periodizado e linear mostrando apenas a visão das classes dominante sobre a história, desconsiderando outros pontos de vista e outras fontes históricas⁴.

A aplicação prática dos métodos positivista no ensino da história acabaria desestimulando a produção do conhecimento, limitando o aluno a memorização de datas e fatos isolados. É fato que não tem como se pensar o ensino da história sem cronologias, porém isso deve ser feito de maneira contextualizada, desconsiderando uma periodização rigorosa uma sequência predominada de conteúdos e assuntos que desestimulem a criatividade e a procura autônoma pelo conhecimento histórico.

⁴ Eram desconsideradas fontes visuais e orais, tais como as pinturas, quadros, fotos, vídeos, filmes etc.



Acredita-se que um modelo de currículo elaborado com base num ideal positivista não possibilitaria as práticas docentes que se destinam a problematização e a condição do aluno como ponta pé inicial para a explicação de uma história da comunidade que ele está inserido.⁵ O positivismo admite apenas o que é real, palpável, aquilo que é inquestionável, não dando abertura para a liberdade de escolha dos assuntos a serem estudados, muito menos para possíveis questionamentos sobre a escrita dessa história. É uma narrativa feita para admirar e ter como exemplos os grandes “heróis do passado”, as pessoas responsáveis pelas grandes decisões na política e na economia.

O ensino é marcado pela narrativa construída sobre exemplos a serem apreendidos, admirados e seguidos através do estudo das ações realizadas pelos heróis considerados construtores da nação, os governantes principalmente (AZEVEDO, 2010, p.710).

Assim como se entende que a história vai muito além de meros documentos oficiais escritos pelas classes econômicas mais abastadas, compreende-se também que o pensamento positivista impede a formação de alunos críticos e com capacidades de problematização e de desconstrução de paradigmas. A importância do sujeito produtor de cultura e de conhecimento é totalmente desconsiderada dentro desse pensamento que visa uma educação tecnicista.

4. Metodologia marxista

Ao longo da história, as diversas narrativas se alteram constantemente. O positivismo, com grande enfoque no corpo e espírito, contando a história baseadas em análises de documentos oficiais e que defende os heróis nacionais, se vê diante do marxismo, totalmente oposto, narrador da história através da visão de operários e perspectiva materialista.

A linha marxista foi elaborada inicialmente pelo filósofo Karl Marx⁶ e o revolucionário Friedrich Engels⁷ entre os anos de 1840 e 1850, mais tarde

⁵ Com a História Local o aluno tem a possibilidade entender o seu contexto, compreendendo o processo histórico da comunidade em que está inserido.

⁶ Karl Heinrich Marx, nascido em Trêves na data de 5 de maio de 1818, na Prússia, foi um filósofo e sociólogo crítico das ideias capitalista de sua época.



modificada e contemplada por adeptos. Essa corrente filosófica se apresenta como um método para a análise social de alguns aspectos da sociedade moderna, especialmente aqueles ligados aos conflitos de classe e a organização produtiva. O termo “marxismo” só passou a ser utilizados anos após a morte de Marx e agrega pensamentos distintos e, às vezes, até discordantes.

O Marxismo tornou-se um dos movimentos intelectuais e políticos mais influentes da sociedade contemporânea. No ano de 1848, Karl Marx e Friedrich Engels publicam o Manifesto Comunista, fazendo uma análise da própria realidade das relações produtivas e principalmente a violenta exploração do proletariado. No fim propõem a luta pelo fim do capitalismo e que as massas trabalhadoras possuindo os meios de produção assumiriam o poder político e econômico.

Sem um poder aquisitivo, algumas pessoas para sobreviverem ofereciam a mão de obra, seu trabalho para um sustento, o que as torna empregadas e dependentes daqueles munidos de materiais e economia elevada. O marxismo vem articulando de forma a criticar o sistema econômico desde o ponto de vista do trabalhador e indicando a necessidade de melhoria das condições de vida dos mesmos, que geralmente são a maior parte da população, estabelecendo uma ruptura com o capitalismo rumo à adoção de um sistema político-econômico mais generoso, que rompa com as desigualdades sociais.

A condição essencial da existência e da supremacia da classe burguesa é a acumulação da riqueza nas mãos dos particulares, a formação e o crescimento do capital; a condição de existência do capital é o trabalho assalariado. (MARX; ENGELS, 1848. p.27).

A humanidade vive numa divisão social de trabalho, no qual acarretou em muitas desigualdades econômicas, o marxismo surge em um período onde há uma fragmentação da realidade social, ou seja, a distinção entre a burguesia e os operários é bastante nítida, o que se tornou tema principal de discussões marxistas, a classe trabalhadora, marginalizada no processo histórico, ganha visibilidade na historiografia, vê o operário como vítima de um sistema econômico e social explorador, que passou a ser tratado como mera mercadoria. Nessa linha teórica Marx propõe o fim do capitalismo.

⁷ Filósofo e Político alemão, nascido em Barmen, no dia 28 de novembro de 1820. Contribuiu para a elaboração do *Manifesto Comunista* publicado em 1848 e outras obras que criticam o liberalismo econômico.



Com uma visão materialista do desenvolvimento histórico e uma dialética de transformação social, busca incessantemente resolver a divisão entre as duas classes. A concepção de tempo no método de investigação é do tempo presente ao passado, modo inverso tradicionalista, desse modo permitindo entender fatos sociais do presente, pois tudo sempre está constantemente em movimento, evoluindo, modificando e quando um processo é finalizado, outro se inicia.

Envolve um método de investigação que expõe fatos e problemas sociais decorrentes, com focalização na luta de classes e seus modos de produção, sendo que o objeto de estudo só pode ser exposto depois de investigado, analisado e criticado.

No Brasil foram investigadas lutas sociais, tendo por eixo o conceito marxista de modo de produção, onde entraram em um consenso sobre a importância desse conceito, sobre as diversas visões sobre quais modos de produção existiram na história brasileira e até mesmo o significado da expressão “modo de produção”.

5. Metodologia escola nova

A Escola Annales é um movimento historiográfico que ocorreu na França e seus principais objetivos consistiam no combate ao positivismo histórico e no desenvolvimento de um tipo de História que levasse em consideração o acréscimo de novas fontes à pesquisa histórica, o novo modelo pretendia em substituir as visões breves anteriores por análises de processos de longa duração com a finalidade de permitir maior e melhor compreensão das civilizações das “mentalidades”.

Em 1929, surgiu na França uma revista intitulada Annales d'Histoire Économique et Sociale, fundada por Lucien Febvre⁸ e Marc Bloch⁹. Ao longo da década de 1930, a revista se tornaria símbolo de uma nova corrente historiográfica identificada como Escola dos Annales. A proposta inicial do periódico era se livrar de uma visão positivista da escrita da História que havia dominado o final do século XIX

⁸ Nascido em Nanci, uma comuna francesa na região de Lorena, em 22 de julho de 1878. É um historiador modernista, considerado por muitos um dos precursores da História das Mentalidades.

⁹ Marc Léopold Benjamim Bloch foi um historiador francês, cofundador da Escola dos Annales, nascido na cidade de Lyon, em 6 de julho de 1886.



e início do XX. Desde seu surgimento, passou por quatro fases e teve grandes nomes como representantes de cada uma.

A primeira delas, a fase de fundação, é identificada por seus criadores Marc Bloch e Lucien Febvre, que começam a tecer suas redes de conhecimento em contraposição à história tradicional “enraizada” nos homens e fatos, que marginalizava muitos aspectos das experiências humanas, para “história nova” toda vivência humana é portadora de uma história. A primeira geração dos Annales foi o ponto de partida para as novas abordagens da história.

A segunda fase, já em torno de 1950, é caracterizada pela direção e marcante produção de Fernand Braudel¹⁰, que considerava a “história dos eventos” superficial e a história política/militar revelada pela narrativa seria limitada. O historiador deveria percorrer caminhos de tempo mais longo a fim de entrar em contato com a estrutura social e econômica da sociedade em questão. Braudel foi importante para a construção da geo-história e o estudo da relação do homem o seu meio.

A partir da terceira geração a Escola dos Annales passou a receber uma identificação mais plural, na qual se destacaram vários pesquisadores como Jacques Le Goff¹¹ e Pierre Nora¹², muitos historiadores migraram da base econômica para o estudo das manifestações culturais e utilizaram de diálogos com outras disciplinas, como Antropologia.

Houve críticas sobre a linha da Escola de Annales, como no livro de Dosse “História de Migalhas” publicado no final do século XX, para o autor, ao se dedicar à história das pessoas comuns, do cotidiano, das mulheres, imigrante, etc., Annales produziria uma “história em migalhas” pouco esclarecedora.

Apesar disso, o novo movimento historiográfico foi muito impactante e renovador, colocando em questionamento a historiografia tradicional e apresentando novos e ricos elementos para o conhecimento das sociedades. Abordava uma História bem mais vasta do que a que era praticada até então, expondo todos os aspectos possíveis da vida humana ligada à análise das estruturas.

¹⁰ Nascido no noroeste da França, em 24 de agosto de 1902, foi um historiador modernista crítico da história tradicionalista.

¹¹ Foi um historiador francês, nascido em Paris, em 1 de abril de 1924. É considerado um dos grandes influenciadores da Nova Escola, dedicou-se a pesquisar o período medieval.

¹² É um historiador francês, nascido em 17 de novembro de 1931. Sua linha de pesquisa é dentro da História Oral.



Compreende-se, então, que essa maneira [da Escola Nova] de entender a educação, por referência à pedagogia tradicional, tenha deslocado o eixo da questão pedagógica do intelecto para o sentimento; do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos cognitivos para os métodos e processos pedagógicos; do professor para o aluno; do esforço para o interesse; da disciplina para a espontaneidade; do diretivismo para o não-diretívismo; da quantidade para a qualidade; de uma pedagogia de inspiração filosófica centrada na ciência e na lógica para uma pedagogia de inspiração experimental baseada principalmente nas contribuições da biologia e da psicologia. Em suma trata-se de uma vertente pedagógica que considera que o importante não é aprender, mas aprender a aprender. (MARTINS; DUARTE. 2010. p.66).

A necessidade de apresentar uma narrativa linear procurar as origens e dividir os acontecimentos no tempo em fases acaba levando alguns profissionais de história a utilizarem-se estereótipos que acarretam em generalizações, a nova história está mais preocupada com a análise das estruturas, ou seja, a nova história não estuda épocas, mas estruturas particulares.

Ao considerar a História não mais apenas como uma sequência de acontecimentos, outros tipos de fontes, como arqueológicas, foi adotada para as pesquisas. Da mesma forma, foram incorporados os domínios dos fatores econômicos, da organização social e da psicologia das mentalidades. Com todo esse enriquecimento, a outra grande novidade da Escola dos Annales foi à promoção da interdisciplinaridade que aproximou a História das demais Ciências Sociais, sobretudo, da Sociologia.

Sob influência das ciências sociais, a história também sofreu uma mudança no campo das técnicas e dos métodos. Antes a documentação voluntária e oficial era estudada, agora é levada em conta a documentação massiva e involuntária, se referindo à vida cotidiana das massas anônimas, à sua vida produtiva, à sua vida comercial, ao seu consumo, às suas crenças, às suas diversas formas de vida social. Nesse sentido, os documentos utilizados são de diversas áreas, como arqueologia, pois todos os meios são tentados para vencer as lacunas e silêncios das fontes, para poder contar a história com diversas visões da mesma, e assim tentar chegar ao mais próximo possível do acontecimento.

Diferente das outras linhas, como o positivismo que contava a história dos heróis, a nova história recusa a hipótese de um tempo linear, cumulativo e irreversível, até então defendido pelos historiadores tradicionais, para os



historiadores novos a história não pode ser conhecida e não pode. Sobretudo ser produzida com base em uma compreensão especulativa e revolucionária do tempo histórico. Para controlar esse tempo acelerado, a história deveria enfatizar o lado repetitivo, cíclico, resistente, inerte, constante, da vida dos homens.

6. Considerações finais

O nível das escolas brasileiras nos últimos anos caiu gradativamente e a ineficiência no ensino está cada vez mais visível dentro do ambiente escolar. A escola brasileira está sofrendo as consequências das decisões políticas - ou da falta delas - sobre o bom funcionamento do ensino básico no Brasil. Uma quantidade gigantesca de alunos tem ocupado as salas de aulas do nosso país, enquanto a qualidade na aprendizagem vive uma verdadeira crise educacional; políticas de universalização da educação pública, promovidas pelo governo federal em conjunto com estados e municípios, que visam o acesso da educação a todos os indivíduos, estão desenvolvendo pouquíssimas medidas de qualidade, deixando à mingua o futuro da nação.

É de extrema importância que os docentes nesse meio instiguem o gosto pela pesquisa, principalmente a pesquisa que os ajude a problematizar e a entender seu cotidiano e sua sociedade como um todo. A aplicação da pesquisa nos ambientes escolares desenvolve nos alunos uma análise crítica dos fatos sociais e leva qualquer país a quebrar as barreiras de desigualdade, de alienação política e da pobreza intelectual que assola parte do povo brasileiro. O ensino da história é de fundamental importância para a priorização e valorização de toda a diversidade encontrada em nosso meio social, além de ganhar destaque no processo de formação do cidadão crítico, responsável e consciente.

Tendo uma relevância muito grande na construção de uma sociedade mais justa e igualitária, a narrativa historiográfica entorno de como ensinar história é muito variada e possui muitos pontos de vistas. Dessa forma é de extrema importância o debate entorno dessa causa, pois esse assunto perpassa por fundamentos teórico-metodológicos, no que se refere às implicações das linhas teóricas no processo de ensino e aprendizagem dentro de sala de aula.

Ainda existem professores estimulando o desenvolvimento da pesquisa e disseminando a importância dela na vida acadêmica, profissional e pessoal de seus



alunos, mesmo que estes sejam poucos. Além das dificuldades que se encontram na infraestrutura das escolas brasileiras para o desenvolvimento de pesquisa, esbarramos com mais um obstáculo, que é a qualidade e os métodos de grande parte dos docentes que atuam na educação básica. Por isso a escolha de uma linha teórica no ensino da história, que valorize nossos alunos e suas particularidade é indispensável na construção de uma educação formadora de cidadãos que estejam realmente preocupados em construir uma sociedade que não cerceie os direitos individuais e que possibilite a expressão artística e cultural de cada um de seus membros.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, C. B.; STAMATTO, M. I. S. Teoria historiográfica e prática pedagógica: as correntes de pensamento que influenciaram o ensino de história no Brasil. **Antíteses**, Natal, v. 3, n. 6, p.703-728, dez. 2010.

BIRARDI, A.; CASTELANI, G. R.; BELATTO, L. F. B. **O Positivismo, Os Annales e a Nova História**. Disponível em: <<http://www.klepsidra.net/klepsidra7/annales.html>>. Acesso em: 10 set. 2017.

DURKHEIM, É. **A função da divisão do trabalho**. São Paulo: Nova Cultural, 1978. 47 p.

LEMONS, É. E. S. **AS RELAÇÕES ENTRE TEORIAS DA HISTÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DA HISTÓRIA ESCOLAR**. Disponível em: <http://www.afirse.com/archives/cd11/GT%2006%20-%20POL%C3%8DTICAS%20E%20PR%C3%81TICAS%20DE%20FORMA%C3%87%C3%83O%20DE%20PROFESSORES/28_as%20relacoes%20entre%20teorias%20da%20historia%20e%20ensino%20de%20histori.pdf>. Acesso em: 10 set. 2017.

LIBÂNIO, José Carlos. O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 1, p.13-28, jun. 2012.



MARTINS, L. M.; DUARTE, N. **Formação de Professores: Limites Contemporâneos e Alternativas Necessárias**. São Paulo: Unesp, 2010. 194 p.

MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. 1848.

OLIVEIRA, M. F.; ANDRADE, J. C. S. Lucien Febvre e os “Combates pela História”: artes do fazer/ensinar história. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 1989, Natal. **Simpósio**. Natal. 2013. p. 1 - 7.

ROCHA, W. Y. D. L. **Concepções Históricas: Marxismo, Positivismo, História Nova e Nova História**. 2003. Disponível em: <<http://www.zemoleza.com.br/trabalho-academico/sociais-aplicadas/pedagogia/concepcoes-historica-marxismo-positivismo-historia-nova-e-nova-historia/>>. Acesso em: 10 set. 2017.

SCHIMIDT, M. A. M. S. A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA E O COTIDIANO DA SALA DE AULA: entre o embate, o dilaceramento, e o fazer histórico. In: ENCONTRO PERSPECTIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA - ANAIS, 2014, Curitiba. **Mesas Redondas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. p.